

TEOLOGIA DA IGREJA

// Série Teologia Sistemática para hoje

REGINA FERNANDES

Editora Saber Criativo

Copyright © Editora Saber Criativo, 2017.

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem a autorização prévia da editora.

Coordenação: Equipe do Saber Criativo

Capa e diagramação: Elissa Gabriela F. Sanches

Revisão: Sidney Sanches

FICHA CATALOGRÁFICA

F362t Fernandes, Regina, 1963-
 Teologia da Igreja / por Regina Fernandes.
 – Campinas: Editora Saber Criativo, 2017.

ISBN 978-85-54925-00-0

1. Teologia Sistemática 2. Ecclesiologia
1. Título

CDD: 230
CDU: 2-72

Editora Saber Criativo

Campinas - São Paulo

Conheça outros livros em:

<http://www.sabercriativo.com.br>

*Dedico este livro às mulheres teólogas que,
mesmo diante dos impedimentos históricos,
sociais e eclesiásticos decidiram corresponder
às suas vocações e fazer Teologia.*

SUMÁRIO

Pg. 11

Introdução

Pg. 15

Cap. 1 // As origens da Igreja

Pg. 44

Cap. 2 // Igreja e reino de Deus

Pg. 57

Cap. 3 // Igreja na teologia bíblica e histórica

Pg. 81

Cap. 4 // A Igreja que se renova

Pg. 98

Conclusão

Pg. 100

Referências

INTRODUÇÃO

Precisamos reconhecer que há em nossos dias uma certa exaustão do modelo de organização das igrejas e do culto que ela realiza. Vivemos em um tempo elástico, em que as coisas sempre podem se mover, flexibilizar, modificar e diversificar. A criatividade é a palavra de ordem desse novo tempo. Tudo o que parece rígido demais, inflexível e pouco diversificado é identificado como próprio do passado, fora do tempo. A pergunta é: como ser mais elástica como Igreja sem comprometer sua natureza de comunidade de Jesus Cristo, papel testemunhal no mundo e vocação missionária?

Outro problema com o qual convivemos e que está relacionado também a questão acima é a evasão significativa de pessoas das igrejas. É preciso considerar, entretanto, que nem todas estão se afastando da fé cristã ou mesmo evangélica. Mas então, onde estão estas pessoas? O que as levam a distanciar do que chamam de “instituição Igreja”? A rigidez da organização eclesástica, o clericalismo contemporâneo, o culto descontextualizado são, normalmente, algumas das muitas razões apontadas. Outra questão é que as pessoas estão imersas nos dilemas, lutas e problemas do tempo atual, que lança perguntas e desafios para os quais o cristão e a cristã precisam propor respostas. Ao buscar orientação na fé, por meio da igreja local, por vezes, são deslocados, a um outro tempo, com respostas de perguntas que já não são mais feitas. Talvez a busca por algo que seja capaz de corresponder um pouco mais

à cultura contemporânea ou local, mas sem o abandono da fé evangélica, tem feito com que muitos procurem projetos e grupos alternativos.

Em qualquer das expressões cristãs, variando em ênfase e ordenação doutrinária, concebemos que a fé é também experiência humana. A palavra “experiência” é muito importante em nossos dias e deveria ser mais bem valorizada no âmbito da Igreja e da teologia para fins de verificar seus novos sentidos e como eles afetam a realidade. As pessoas cristãs buscam novas e diferentes experiências de culto, escola bíblica, prática ministerial e de convivência na Igreja. Fato é que ainda predominam, em boa parte de nossas instituições eclesiais, modelos organizacionais, ministeriais e litúrgicos antigos e que já receberam o título de “clássicos”, como se fossem perenes ou universais. Mesmo entre os pentecostalismos não há um distanciamento significativo de tais modelos, variando em poucos elementos no que diz respeito à forma litúrgica, mesmo assim é considerado por muitos o que temos de mais contextualizado em termos de fé evangélica.

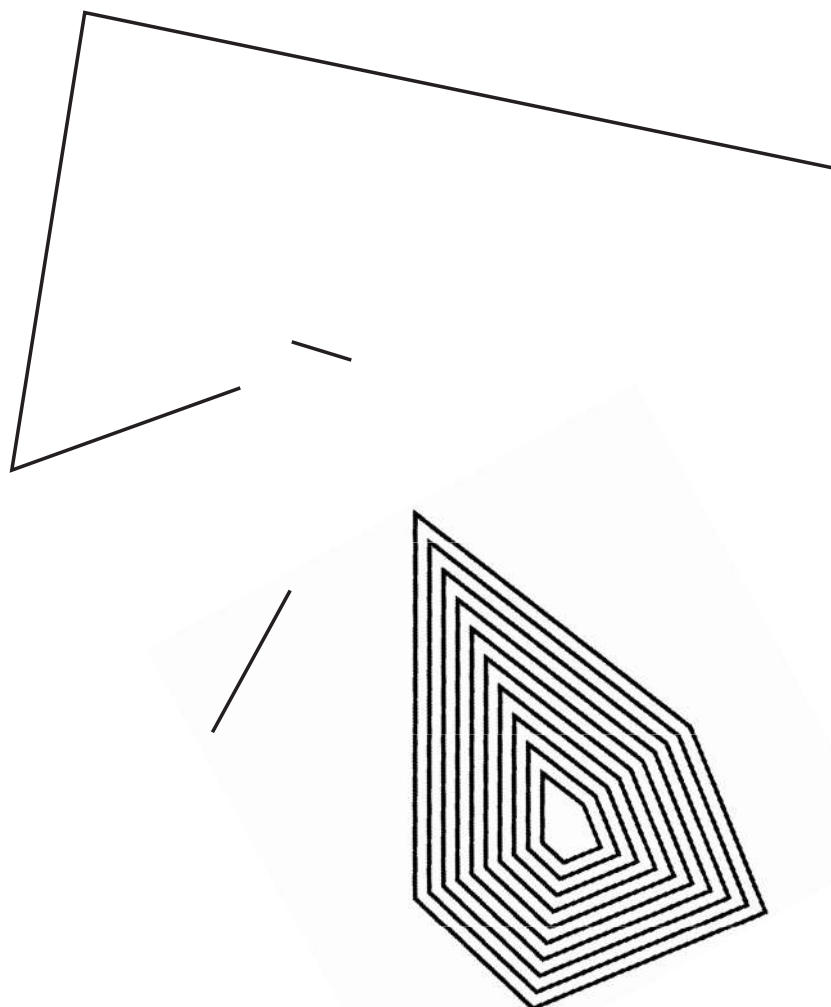
A questão que se coloca é que não é possível realizar mudanças reais e significativas para a Igreja sem um esforço de compreensão teológica da sua natureza como povo de Jesus Cristo. A Igreja é comunidade humana e teológica, que se reúne em torno da fé em Jesus, como tal, é encarnada na realidade de cada tempo e lugar e torna-se sua sempre devedora. Como comunidade teológica é *Ekklesia*, mas como grupo humano busca construir identidades, marcos que a referenciam. Nos tempos atuais essas identidades exigem ser menos rígidas e mais fluídas, o que somente é possível de se fazer com o auxílio da teologia. Trata-se de um processo doloroso para denominações, igrejas locais e comunidades que se sentem ameaçadas diante das novas tendências e movimentos culturais.

Outra questão a ser considerada é o fato da Igreja ser organização e agente social, o que possibilita a ela um espaço mais amplo de atuação e presença na sociedade do que ela mesma, às vezes, está preparada para realizar. Isso a auxilia a pensar suas possíveis identidades, em vista dos grupos que a formam e conduz a um problema de ordem ecológico e filosófico: como ser diversa e ser una ao mesmo tempo?

Além dessas questões trataremos neste livro das implicações escatológicas da Igreja em sua relação com o Reino de Deus. Verificaremos na leitura contextual da Bíblia, na história e nas discussões contemporâneas o que é a Igreja, visando sempre abrir caminhos para sua contextualização no tempo que vivemos. A ideia da obra é que a Igreja, como comunidade da fé contextualizada, está sendo sempre transformada para transformar, se renovando para renovar, como próprio de sua missão no mundo.

CAPÍTULO 1

As origens da Igreja



Penso que as mudanças que precisamos realizar na Igreja somente serão reais se forem fruto de uma auto-compreensão da condição de ser povo de Deus no mundo, caso contrário, corremos o risco de criar algo que não corresponde ao ensino bíblico e prática histórica. A Igreja precisa entender sua natureza e razão de ser como comunidade da fé em Jesus Cristo. Uma placa em um salão ou templo não faz de uma Igreja ser o que ela é, mas sim o modo como ela procede no mundo a partir de uma compreensão de si mesma, à luz da Bíblia e do próprio contexto.

1.1 O NOME “IGREJA”

A exigência de encarnação da Igreja é tão antiga que remonta à história de formação e tradução do Antigo Testamento. O próprio nome “Igreja” não nasceu com ela, mas foi adaptado da linguagem política grega. O termo se referia a assembleia formada por homens de filiação grega, que se reuniam para discutir os assuntos da *pólis* (da cidade). A Septuaginta (tradução do Antigo Testamento para a língua grega) utilizou esse termo, “*Ekklesia*”, para traduzir *qahal*, termo hebraico que era usado no Antigo Testamento para se referir à “convocação do povo” ou à “comunidade” de *lahweh*.

A figura de comunidade então é a que mais bem corresponde à ideia de povo de Deus na Bíblia, tanto na época de Israel como depois na Igreja neotestamentária. Kittel explica que o termo

qahal é, de fato, o que expressa mais adequadamente os atributos da *Ekklesia*, entretanto, há casos no Antigo Testamento em que ele foi traduzido por *synagogê* (Gênesis, Êxodo, Levítico e Números) (KITTEL, 1965, p. 52).

Kittel ainda esclarece que no Antigo Testamento há outros termos utilizados para “povo” e com outros significados, como *‘am*, traduzido para o grego *laós* e que se refere a “povo” de modo geral. Há também o termo *goyim*, traduzido como *ethné*, mais relacionado a ideia de um grupo cultural. O termo *qahal* é, entretanto, o que remonta mais diretamente à comunidade de *lahweh*, formada por meio da aliança e para ser povo específico dele. A Igreja, “*Ekklesia*”, surgiu dessa compreensão: comunidade que se reúne em torno de Jesus Cristo, por meio da nova aliança (KITTEL, 1965. p. 52).

A Igreja surgiu como povo e comunidade e não como instituição. Embora sua condição de mundo tenha requerido historicamente a institucionalização, não é essa a sua condição primeira, original e prioritária. A marca distintiva e exigência fundamental para o povo de Deus em todos os tempos é ser comunidade, ser sempre comunhão.

Outra condição que exige isso dela é o fato de ser criação de Deus. Como criação em um projeto comum, ela é uma coletividade e uma comunhão de seres e seus ambientes, que se inter-relacionam e interdependem no mundo. A Igreja não somente faz parte dessa coletividade, como se constitui como comunidade específica. Comunidade esta chamada a cumprir papel reconciliatório das relações na criação por meio da obra de Jesus Cristo. Ao realizar isso, ela se expressa tanto como corpo humano e ecológico, mas como povo do Espírito Santo, que compactua com suas obras vivificadoras no mundo.

Na fraternidade dos santos, atuando nas mais diversas es-

feras e lugares de vida, a Igreja se concretiza e manifesta seu testemunho da fé e da salvação integral em Jesus Cristo. Quando isto acontece, ela se revela como ajuntamento para a adoração e confissão do nome de Jesus Cristo perante as nações e como forma de realização no mundo e na história da unidade da criação. O nome de Cristo passa a ser elevado de forma altissonante como a razão da fé, da unidade da Igreja, da vida no mundo, o centro do culto e critério último da missão.

1.2 O CHAMADO DE ISRAEL E O CHAMADO DA IGREJA

Israel foi formado para ser povo de Deus. Conforme Êxodo 19.5-6, deveria ser um povo santo e sacerdotal. A vontade de Deus deveria ser vivida por ele de modo testemunhal entre as nações, tornando sua própria história uma grande narrativa da revelação de Deus. Conforme os profetas, Israel foi chamado a encarnar a mensagem divina e tornar-se seu livro no mundo. Mais do que acolher essa revelação, estava missionada a ser comunidade hermenêutica e sua transmissora às novas gerações. Seu chamado era ser porta-voz do conhecimento de Deus desvelado na história, a partir das linguagens humanas de cada época. Um testemunho de justiça e de retidão, que demarcaria o povo de Deus e o Deus do povo.

Todavia Israel era também uma comunidade humana, com todos os impedimentos e limitações próprias dessa condição não cumprindo como deveria a sua missão. O fato de ser derivada da *missio Dei* torna a missão do povo de Deus para além das condições humanas e a coloca no âmbito das possibilidades divinas, que são sempre ilimitadas, infinitas, mas somente nessa acepção. Em Deus a missão da Igreja segue para além das impossibilidades huma-

nas, transcende. Era essa a dependência que Israel falhou em comprovar.

No Novo Testamento, a Igreja irrompeu na história como povo narrativo e testemunhal, surgiu e segue contando ao mundo a novidade de Jesus Cristo e sua ressurreição. Para isso, foi chamada a ser também comunidade hermenêutica, que acolhe e interpreta a revelação de Deus em Jesus Cristo, dando significado à sua proclamação. O livro de Atos dos Apóstolos comprova isso, com os sermões e todo o esforço de pregação dos apóstolos e da Igreja nascente (Atos 2.14).

O esforço hermenêutico e teológico é necessário pois o mandato de anunciar implica no mandato de conhecer o conteúdo do anúncio, que é Jesus Cristo e sua obra de salvação. Interpretar a Bíblia e fazer teologia faz parte do papel da Igreja no mundo e não se dá em oposição a ela. Ao longo da história a Igreja têm cumprido esse papel criando um precioso acervo de conhecimento que também é preciso recuperar de tempos em tempos, mas ele não se esgotou nas comunidades que passaram. A Igreja atual continua chamada a assumir a responsabilidade de produzir conhecimentos da fé, até mesmo para subsidiar seu ensino e pregação.

Trata-se, não obstante, de um conhecimento por natureza querigmático, pois visa servir ao anúncio para um mundo carente de vida e de Deus. Este saber não pode ter como conteúdo a mera chamada a adesão religiosa ou confessional, para agregar números nas organizações eclesiais, mas visa a restauração da vida criada por Deus, amada por ele e necessária de ser amada por todos que a receberam como dom. Neste sentido, é sempre uma proclamação que se realiza na força e no poder do Espírito Santo, pois ele é o Deus da vida.

Outra razão pela qual não podemos desconsiderar o papel de

Israel na formação da Igreja é a tradição messiânica, as promessas dos profetas que a Igreja reconheceu ter se cumprido em Jesus Cristo (Atos 2.37; 13.32) e que estabeleceu as bases do conteúdo da pregação cristã. Como comunidade do Messias a Igreja então anuncia a concretização das promessas feitas no Antigo Testamento. O evangelho e a história da salvação em geral tornaram-se, por causa disso, mais do que uma fórmula de salvação, mas uma história a ser contada, que de acordo com Barth, chama à obediência:

Anunciar a realidade desse evento e chamar à obediência da fé nisto – esta é a incumbência a partir da qual a Igreja tem a sua existência. Ela portanto não vive vida própria. Ela vive como o corpo cuja a cabeça é o Cristo crucificado e resurreto, isto é, ela vive nesta incumbência e com esta incumbência (BARTH, 1996, p. 204).

Ele ainda adverte que “o mesmo vale também para cada indivíduo que é membro desse corpo” (BARTH, 1996, p. 204), onde cada cristão é chamado não somente à obediência, mas ao anúncio da realidade de Cristo, como parte ativa e missional do corpo do qual ele é a cabeça.

À vista disso e sob a luz do Antigo Testamento, compreendemos que a Igreja é essa comunidade, essa congregação que reúne em si características teológicas reveladas ao longo da história bíblica e que a identificam como o povo de Jesus Cristo. A *Ekklesia tou Theou* surgiu nas bases históricas e teológicas do *Qahal Yahweh*.